

## DRUMMOND E O FALSO FERNANDO PESSOA

Rita de Cassia Barbosa  
UFSC

RESUMO: Em 4 de setembro de 1949, *sem assinatura*, Carlos Drummond de Andrade publica, no "Suplemento Literário Letras e Artes" do periódico *A Manhã* do Rio de Janeiro, o poema "Sonetinho", precedido de nota introdutória — esta também sem assinatura — onde o autor propõe um concurso para se descobrir o autor do poema. O intuito deste ensaio consiste em mensurar as implicações e o alcance do vínculo entre autor da nota, autor do poema e a ausência de assinatura nos dois casos no âmbito da produção jornalística e poética de Carlos Drummond de Andrade. Pretende-se, assim, avaliar a importância dessa atitude do cronista e do poeta ao longo de sua trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria. Poesia. Carlos Drummond de Andrade.

## DRUMMOND AND THE FALSE FERNANDO PESSOA

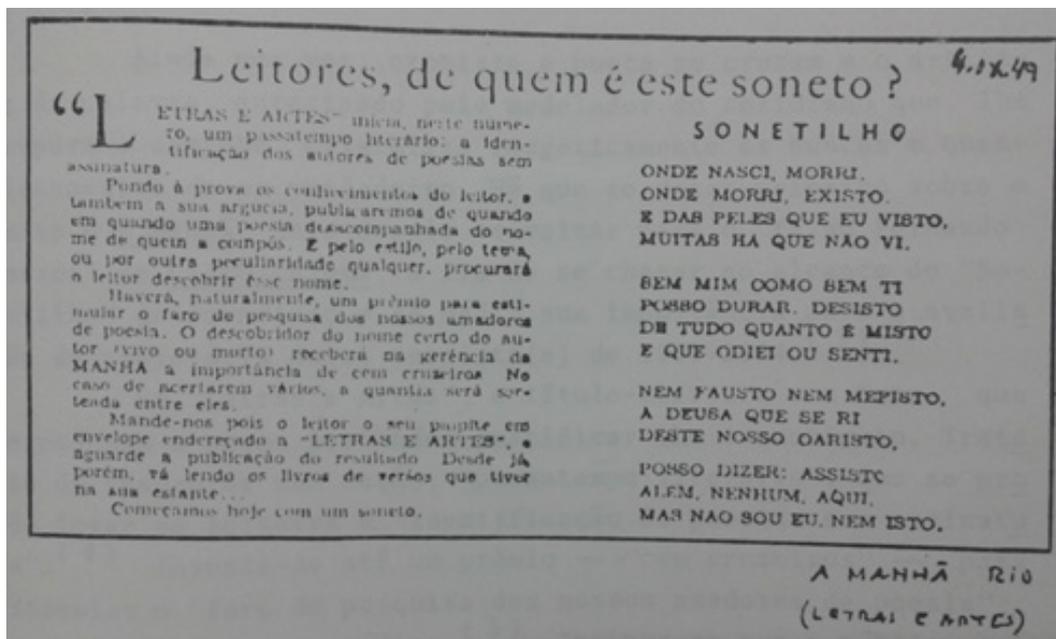
ABSTRACT: In September 4th, 1949, Carlos Drummond de Andrade publishes, unsigned, the poem "Sonetinho", in the "Suplemento Literário Letras e Artes" from the newspaper *A Manhã* from Rio de Janeiro. The poem was preceded by an introductory note — also unsigned — where the author proposes a contest for discovering the poem's author. This essay seeks to measure the implications and the reach of the connection among the author of the note, the author of the poem and the lack of signature in both cases regarding the journalistic and poetic production of Carlos Drummond de Andrade. Thus, we seek to evaluate the importance of such action by the chronicler and poet through his path.

KEYWORDS: Authorship. Poetry. Carlos Drummond de Andrade.

Rita de Cassia Barbosa é doutora pela Universidade de São Paulo. É professora titular aposentada de Literatura Brasileira no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Organizou, em 1987, o evento "Lembrando Drummond" em homenagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade.

DRUMMOND E O FALSO FERNANDO PESSOA<sup>1</sup>

Rita de Cassia Barbosa



## Leitores, de quem é este soneto?

**L**ETRAS E ARTES" inicia neste número, um passatempo literário: a identificação dos autores de poesias sem assinatura.

Pondo à prova os conhecimentos do leitor, e também a sua argúcia, publicaremos de quando em quando uma poesia desacompanhada do nome de quem a compôs. E pelo estilo, pelo tema, ou por outra peculiaridade qualquer, procurará o leitor descobrir esse nome.

Haverá, naturalmente, um prêmio para estimular o fôro de pesquisa dos nossos amadores de poesia. O descobridor do nome certo do autor (vivo ou morto) receberá da gerência da MANHÃ a importância de cem cruzeiros. No caso de acertarem vários, a quantia será sorteadada entre eles.

Mande-nos pois o leitor o seu palpite em envelope endereçado a "LETRAS E ARTES", e aguardem a publicação do resultado. Desde já, porém, vá lendo os livros de versos que tiver na sua estante...

Começamos hoje com um soneto.

## SONETILHO

ONDE NASCI, MORRI.  
ONDE MORRI, EXISTO.  
E DAS PELES QUE EU VISTO  
MUITAS HÁ QUE NÃO VI.

SEM MIM COMO SEM TI  
POSSO DURAR. DESISTO  
DE TUDO QUANTO É MISTO  
E QUE ODIEI OU SENTI.

NEM FAUSTO NEM MEFISTO,  
A DEUSA QUE SE RI  
DESTE NOSSO OARISTO.

POSSO DIZER: ASSISTO  
ALÉM, NENHUM, AQUI,  
MAS NÃO SOU EU, NEM ISTO.

"Leitores, de quem é este soneto?" Com este título interrogatório, precedido de uma Nota explicativa, surgiu, em 1949, no "Suplemento Literário Letras e Artes" do periódico carioca *A manhã*, um "Sonetinho" drummondiano.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado por ocasião do evento "Lembrando Drummond" na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1987.

Publicado no jornal sem assinatura, aparentemente em virtude de sua destinação, o poema seria assumido depois por Carlos Drummond de Andrade. Em 1951, com o título significativo de “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”, o poeta o incluía em *Claro Enigma*.

Em “Letras e Artes”, o título-abertura e a Nota que introduzem o poema pretendem justificar-lhe o anonimato. Trata-se de inaugurar uma seção, passatempo literário, que se propõe levar os leitores à identificação de poesias sem assinaturas. Inventava-se até um prêmio - cem cruzeiros - para estimular o fardo de pesquisa dos amadores de poesia. Insinua-se que o público tem diante de si um texto passível de ser reconhecido, pois, aguardando a publicação do resultado, ele pode ir lendo os livros de versos que tiver em sua estante... Na realidade, tudo não passa de brincadeira literária, mais que isto, de simulação do eu escritor, servindo-se, concomitantemente, do homem-de-jornal e do homem-de-letras para expressar o autoquestionamento.

Enquanto a Nota Introdutória, destacando o caráter lúdico da seção, marca seu vínculo com a crônica, o “Sonetinho” mantém-na presa aos periódicos especializados (como é o caso de “Letras e Artes”), imprimindo-lhe o adequado tom de sóbria dignidade. Encontram-se, poeta e cronista. Ao primeiro, cabe a compostura ou a síntese reflexiva do “Sonetinho”; ao segundo, compete, redigindo a Nota, privilegiar o aspecto descompromisso e situar a investigação do eu poético, fazendo com que um se torne porta voz do outro. Ao passatempo, próprio do cronista, acrescenta-se o caracterizador “literário”, peculiar ao poeta, de forma que, integrados, ocupando e dividindo um mesmo espaço dentro do periódico, discurso jornalístico e discurso poético constituem um todo orgânico. Esta organicidade quase estrutural possibilita-nos dimensionar o real intuito do eu escritor, escrevendo sua Nota, compondo seu “Sonetinho”.

É a si, mais que aos leitores, que o eu escritor, mediado pelo cronista, dirige a indagação: “Leitores, de quem é este soneto?” À semelhança do que fez o cronista regular, nos periódicos mineiros, entre 1930-1934, ou à semelhança da atitude do poeta “gauche” na vida, o questionamento se faz pela interpeção indireta de si. E esta obliquidade prolonga-se no “Sonetinho”, através da afirmação/negação do eu poético em relação a si próprio: “Onde nasci, morri. / Onde morri, existo.” Mesmo porque, o passatempo literário, inaugurado pelo *Suplemento*, propõe ao público a impossível identificação de autoria de um texto inédito em livro.

Escorado pelo anonimato e sob desculpa de iniciar uma nova seção, desculpa que também reitera a via transversa da análise, o eu escritor revive, em “Leitores, de quem é este soneto?” e no “Sonetinho”, as várias máscaras sob as quais participou do espetáculo de vida entre 1930-1934, ora como cultor do cotidiano, ora como artesão da palavra.

“E das peles que eu visto, / muitas há que não vi”, admite o eu poético, enviezadamente apontando em direção aos muitos eus em quem o eu escritor se desdobrou em sua tarefa rotineira de manipulador do circunstancial, ou ao longo de sua trajetória poética.

Estamos em 1949. Quinze anos já se escoaram desde a existência das múltiplas mascaras sob as quais se ocultou o cronista Carlos Drummond de Andrade, colaborando regularmente em vários periódicos mineiros. O mesmo se pode dizer em relação ao poeta, cujas primeiras produções traziam, de forma acentuada, o desdobramento de si, expresso ora no próprio nome Carlos, ora na figura de Carlitos, ora através do impessoal “se”, ora, significativamente, encarnado em José. Embora se produzam agora algumas atitudes peculiares ao eu escritor daquela época: o anonimato sob falso pretexto, a obliquidade da autoanálise, a aceitação/rejeição de si, houve uma maturação.

Ao discurso do cronista, em terceira pessoa, no mesmo espaço e ao mesmo tempo, faz eco o do poeta, em primeira. Se o autor da Nota, aparentemente remete para um outro, quem compôs o “Sonetinho” centra-se sobre si e se auto investiga. Protegidos, ambos, pela capa do anonimato, o eu cronístico e o eu poético aglutinam-se, amparados pelo eu escritor. Ao des-centramento em direção ao mundo, para o qual se encaminha o cronista, co-responde, concomitantemente, o centramento do poeta sobre si, o que equivale à tentativa de síntese unificadora dos contrários.

Persiste ainda a perturbadora duplicidade - a do discurso, terceira/primeira pessoas; a de situações, real/inventada; a de atividades, cronista/poeta - mas desaparece, embora sob o escudo do anonimato, a dissociação eu/mundo. Em verdade, o que se inaugura é uma nova etapa na produção do poeta e do cronista Carlos Drummond de Andrade, de que Nota e poema, associados, serviriam como exemplo.

Mediado pelo poeta, a quem cumpre coroar pela palavra a trajetória do cronista, o eu escritor reconhece a necessidade que o impulsionou (e que o impulsionará ainda, de 1949 em diante) para a adoção dos diversos disfarces. Prova disto será a inclusão do “Sonetinho” em *Claro Enigma*, dois anos mais tarde, agora sob a responsabilidade de Carlos Drummond de Andrade. E é,

então, que se acrescentará ao título primitivo “Sonetinho” a locução “do falso Fernando Pessoa”.

Sintomaticamente revelador quando de sua publicação no jornal, o agora “Sonetinho do falso Fernando Pessoa” extrapola-se e nos possibilita compreender e avaliar o alcance dos disfarces-desdobramentos do cronista e do poeta dos anos anteriores. A não aceitação de si, do mundo é que o conduzia sempre a novas experiências, a novas trocas, como forma de o auxiliar a se ver a si no espaço que o cercava. De se ver a si, de se ver no mundo, de ver o mundo. De fato, as simulações do poeta ou do cronista, equivalentes a máscaras indispensáveis, traduzem uma das preocupações fundamentais do eu escritor, sempre se questionando entre essência e aparência, entre o que ele gostaria que fosse e aquilo que de fato é. Nos anos trinta, esta indagação conduz ao dilaceramento, como solução do conflito drummondiano eu-comigo-mesmo/eu-com-o mundo; ou, ainda eu-no-passado/eu-no-presente. E o disfarce espelha esse dilaceramento.

À luz de “Leitores, de quem é este soneto?” e do “Sonetinho”, chega-se à confirmação do significado dos vários disfarces utilizados pelo poeta e pelo cronista. “Peles que eu visto”, elas apontam em direção à busca da aceitação de si, do mundo, de suas raízes itabiranas; elas apontam a preocupação do poeta com o significado sempre polimorfo das palavras, razão de ser do eu escritor na sociedade de que faz parte. Não por acaso, cumprida a trajetória, onde o “falso Fernando Pessoa” ocupa espaço significativo, o poeta dirá, em “Patrimônio”:

“Duas riquezas: Minas / e o vocábulo. // Ir de uma à outra, recolhendo / o fubá, o ferro, o substantivo, o som. // Numa, descansar de outra. Palavras / assumem código mineral. / Minérios musicalizam-se em vogais. Pastor sentir-se: reses encantadas.” (A paixão medida.1980). Para finalmente, admitir, em 1984, quando da publicação de Corpo: “A verdade essencial / é o desconhecido que me abita / e a cada amanhecer me dá um soco. // Por ele sou também observado com ironia, desprezo, incompreensão. / E assim vivemos, se ao conforto se chama viver, / unidos, impossibilitados de desligamento, / acomodados, adversos, roídos de infernal curiosidade”. (“O outro”).

Não mais o “falso Fernando Pessoa”, mas o questionamento franco de si como ser-no-mundo, ser-para-o-mundo.

Florianópolis, 29 de outubro de 1987.

*Recebido em 5 de junho de 2017  
Aceito em 12 de junho de 2017*